

DiVaM 2022

Patrimónios Sem Fronteiras

O que é o património sem fronteiras? Pode o património auxiliar na abertura de fronteiras? Ou, por outro lado, ajudar a fortalecê-las? De que fronteiras estaremos a falar? Fronteiras geopolíticas, físicas, naturais, ou mentais, imateriais, artificialmente criadas?

Assumimos o património, como projeto de cidadania, de inclusão no sentido mais amplo da palavra, universal, aberto a todos, sem fronteiras, mas também como recurso facilitador em questões críticas da atualidade, de justiça e de emergência social, e ainda como um processo construtivo onde vários intervenientes devem ser chamados a intervir, nomeadamente as comunidades que “vivem” o património, apelando sempre ao espírito da “Convenção de Faro”, e ainda à “Carta de Porto Santo”, que nos diz que “temos de transformar as «ins-tituições» em «ex-tituições», lugares abertos e de relação, em saída de si; e as audiências em protagonistas com voz, e não meros figurantes”. *

O conceito de Fronteira, na sua amplitude de significações e universo simbólico, surge-nos como instigador de várias reflexões, que podem percorrer caminhos distintos.

Analisando estas duas dimensões – Património e Fronteira – podemos perguntar-nos onde é que estes conceitos convergem. Tal como o Património, a Fronteira pode ser também um ato construtivo ou desconstrutivo, mas também um processo colaborativo de delimitação de uma linha, mais perceptível ou invisível, mas também de construção de significados e representações.

Se ultrapassarmos as narrativas nacionalistas e promovermos práticas discursivas mais inclusivas, poderemos estar conscientes que fronteiras pode o património ajudar quebrar? O que é o património nacional? O que é o património europeu? O que é o património mundial? Não esqueçamos que, paradoxalmente, a tentativa de derrubar fronteiras significa que elas poderão surgir noutra lugar. O concerto “Fortaleza Europa” é um exemplo paradigmático desta questão.

Ao ampliarmos a conceito de fronteira e se nos debruçarmos no nosso dia a dia, nas nossas vivências e espaços do quotidiano, nas formas como pensamos, como agimos e como nos relacionamos, que derivam da epistemologia cartesiana que moldou e molda o Ocidente, conseguimos observar outras fronteiras: entre razão e emoção, pensamento científico e não científico (como se apenas existissem duas formas de pensar), o Homem e a Natureza, o corpo e mente, ou ainda entre o “Nós” e o “Outros”, visões dicotómicas do Mundo; mas também outras fronteiras que o “discurso patrimonial autorizado” legitima, e que nos fazem reflectir sobre as questões de poder relacionadas com a construção patrimonial.

Apresentados alguns exercícios exploratórios do conceito de Fronteira, convidamos todas as associações culturais algarvias na apresentação de projectos que explorem as potencialidades patrimoniais na abertura de fronteiras, nas suas múltiplas significações.

Porque as Artes e a Cultura também servem para expressar as nossas emoções e constituem uma alternativa emancipadora de contestação, mas também de imaginação e criação epistemológica, acreditamos que podem potenciar o conhecimento transformador que derruba todas as fronteiras.

*Carta de Porto Santo: <https://www.culturaportugal.gov.pt/media/9171/pt-carta-do-porto-santo.pdf> (p.7).

O tema do DiVaM para 2022 assume-se, assim, como um apelo a transgredir várias fronteiras: a fronteiras que nos separam uns dos outros, a fronteira do “discurso patrimonial autorizado”, a fronteira que separa o conhecimento científico, dos vários conhecimentos do *Sul Global*.

Refletindo sobre a carga histórica e sobre as várias perspetivas e narrativas patrimoniais que cada um dos monumentos – Fortaleza de Sagres, Ermida de N^a Sra de Guadalupe e Ruínas Romanas de Milreu – promove, constrói ou desconstrói, quais as fronteiras a ultrapassar?